

Estudos luso-brasileiros

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

ROMA (Via Panair do Brasil) — Das comemorações que há três anos marcaram em Washington o 150.º aniversário da Biblioteca do Congresso constou, por iniciativa do Professor Lewis Hanke, um "colloquium" devotado aos estudos luso-brasileiros. Essa iniciativa não visava apenas congregar especialistas — historiadores, linguistas, antropólogos, críticos de arte ou de literatura — oriundos do Brasil, de Portugal, das possessões lusitanas. O conhecimento das nossas tradições comuns, a melhor inteligência dos valores espirituais que nelas se encarnam, a defesa desses mesmos valores, quando mereçam efetivamente ser defendidos, não hão de constituir preocupação exclusiva e ciumenta dos povos que falam o português. Sua importância mal poderia ser julgada pelos que julgam, a bem dizer, em causa própria; é indispensável que muitos outros possam colaborar nesse julgamento, pois uma cultura não vale na medida em que procura bastar-se, mas na medida em que se torna realmente comunicativa (e também receptiva), isto é, em que aspire cada vez mais a universalizar-se.

Fossem quais fossem os resultados da reunião de Washington, o próprio fato de se ter efetuado fora da órbita do mundo de língua portuguesa tendia a salvá-la de um tal exclusivismo. Do risco, em outras palavras, de ver-se o "colloquium" convertido num monólogo mais ou menos inconsequente. Tendo tido ocasião de participar daquela reunião, e tendo sido, além disso, um dos autores da proposta apresentada à Comissão do IV Centenário de São Paulo para que se realizasse, entre as comemorações culturais projetadas para 1954, um segundo congresso com o mesmo sentido e nos mesmos moldes do primeiro, interessei-me vivamente, na consultoria competente da mesma comissão, em que dele participassem, na medida do possível, estudiosos estrangeiros, isto é, não apenas portugueses e brasileiros.

As severas medidas econômicas que tornaram inevitável aparentemente a supressão ou restrição de muitos dos congressos inicialmente previstos não parece ter afetado a idéia da realização do IIº Colloquium. E tudo faz crer ou esperar que não afetarão o plano primitivo de associar-se a ele um número tão considerável quanto possível de representantes de núcleos de estudos luso-brasileiros em vários países. Como ignorar, no caso de uma iniciativa semelhante, alguns desses especialistas que, mesmo posteriormente à reunião de Washington ofereceram contribuições apreciáveis para o melhor conhecimento dos países de língua portuguesa? Já não me quero referir por exemplo aos que, nos capítulos ou volumes dedicados ao Brasil do *Handbook of South-American Indians* e outras publicações similares, tanto vêm contribuindo para o progresso das pesquisas em torno das nossas populações indígenas. Esses ao menos se farão lembrar no XXXI Congresso Internacional de Americanistas, cuja realização em São Paulo, durante a última semana de agosto de 1954, ficou assegurada, em virtude da proposta feita em Cambridge, no ano

passado, pelo professor Herbert Baldus, chefe da seção de Etnologia e vice-diretor, ora em exercício, do Museu Paulista. Do bom êxito obtido por tal proposta, não obstante as reivindicações idênticas de outros países, como Cuba e Colômbia, do apoio que veio a merecer da Comissão do IV Centenário, resultará que pela segunda vez, num período de mais de meio século, o Brasil se tornará sede dessa assembléia científica.

Penso sobretudo em trabalhos recentemente publicados, como o do professor Boxer, da Universidade de Londres, acerca de Salvador Corrêa de Sá, fruto de aturadas pesquisas em arquivos da Europa, do Brasil e do Extremo-Oriente em torno dessa figura tão eminentemente luso-brasileira. Ou ainda no estudo que merece, com justiça, o qualificativo de "monumental", dedicado pelo professor Le Gentil à Poesia Lírica Espanhola e Portuguesa, em fins da Idade Média. Iniciada em 1949 e concluída neste ano de 1953, essa publicação oferece em mais de mil páginas elementos amplos e, por muitos aspectos, definitivos para o conhecimento das origens e das constantes do lirismo ibérico. Por ela se vê claramente como entre a obra dos velhos trovadores galego-portugueses e os cancioneiros onde se compendia a poesia quatrocentista da península ibérica não há, ao contrário do que tantas vezes se julgou, verdadeira solução de continuidade, mas uma evolução que afeta ao mesmo tempo o "fundo" e a "forma" sem todavia prejudicar a sensibilidade e a "ideologia" tradicionais. E a própria transformação que padecerá esse lirismo durante o século XVI, sob a ação do petrarquismo, não o destaca nitidamente do passado. A distância de um século, em plena Idade Média, os poetas portugueses e os castelhanos anunciavam a seu modo certas formas que Ronsard e a Pleiade ilustrariam.

O mestre francês não deixa, por outro lado, de sublinhar as diferenças já sensíveis durante a época medieval entre o lirismo dos dois povos peninsulares. Então a retórica edificada sobre antíteses, o *conceptismo*, com seus jogos intelectuais tão diversos daqueles que praticavam pela mesma época os franceses e os italianos, já constitui fenômeno essencialmente castelhano. Os portugueses, por sua vez, voltam-se insistentemente para os tipos de expressão mais singelos e musicais. As melhores composições do Cancioneiro de Baena são, sem dúvida, aquelas que, enlaçando-se ao velho lirismo galego-português, manifestam o que, segundo a observação de Le Gentil, constituiria seu doloroso e nostálgico "romantismo". Não estariam aqui as raízes da diferenciação subsequente entre numerosos aspectos das literaturas espanhola e portuguesa e também entre as hispano-americanas e a brasileira?

E' ainda na consciência clara dessa diferenciação, abrangendo as expressões espirituais e as do sentimento, que se situa o ponto de partida de outra obra para a qual eu gostaria particularmente de chamar atenção, destinada a melhorar nosso conhecimento das letras portuguesas e, não menos, creio-o, das brasileiras. A vantagem de contar com uma tradição até hoje insuperada de estudos de história e crítica literária, a tradição fundada e primeiramente fixada por De Sanctis em um livro que, impresso há quase oitenta anos, nada ou quase nada perdeu, até hoje, de sua atualidade, acrescenta-se na obra recente do professor Giuseppe Carlo Rossi (*Storia della Letteratura Portoghese*, Florença, 1953) uma exemplar informação, refletida nas excelentes bibliografias apensas a cada capítulo. Publicado na mesma coleção em que já figuram a História da Literatura Inglesa de Mario Praz e a da Literatura Russa de Ettore Lo Gato, este volume pode comparar-se favoravelmente, de vários pontos de vista, ao que de melhor se tem escrito fora de Portugal sobre o assunto: o livro clássico de Aubrey Bell, por exemplo, ou o trabalho correspondente do próprio Le Gentil. E não é tanto, ou apenas, aos seus numerosos alunos da Universidade de Roma que pode interessar

o livro do prof. Rossi: mesmo para portugueses e também para os brasileiros empenhados em conhecer melhor as origens de sua vida espiritual, a contribuição que ele nos oferece será estimulante e eficaz. Isso é explicável não apenas pela segurança dos métodos de análise de que dispõe o autor, mas ainda pela situação de fato privilegiada em que pode encontrar-se um italiano, conhecedor da literatura e da cultura de seu país para avaliar com justeza a evolução espiritual dos outros povos neolatinos. Em Portugal, especialmente, nunca se poderá exagerar demasiado o papel decisivo exercido pelas correntes intelectuais e estéticas que lhe vieram da Itália. E o conhecimento dessas tendências proporcionará uma perspectiva singularmente valiosa para quem se propõe estudar a história literária dos países de língua portuguesa.

Contudo o professor Rossi não se detém nessas expressões até certo ponto reflexas da cultura lusitana de modo a esquecer a originalidade de seu poder de criação ou elaboração dos elementos adventícios. Essa originalidade vemos-la manifesta em primeiro lugar, e com bastante ênfase, diante da literatura castelhana. A própria história e a literatura de Portugal, observa ele já no pórtico do livro, "contribuíram naturalmente para destacar sua literatura das outras, a começar pela castelhana, com a qual se acha em contato direto..." E entre os seus traços distintivos mais constantes está o abandonar-se ao sentimento, o comprazer-se em estados de alma vagos e indefinidos, assim como a carência do espírito analítico, filosófico e crítico. De tudo isso resulta o predomínio das formas líricas, às quais a aspiração à aventura, solicitada e acrescida pela multiforme experiência dos dois séculos dos descobrimentos e conquistas, somou a seguir um novo "gênero": a narrativa marítima.

De qualquer modo, com essas qualidades positivas ou negativas, os portugueses puderam desenvolver uma atividade literária admiravelmente fecunda de vários pontos de vista. Sabemos como já na Idade Média alcançaram eles, antes de qualquer outro povo ibérico, plena maturidade na expressão lírica, a tal ponto que o galego-português se tornaria quase até ao século XV o idioma obrigatório do lirismo mesmo nas áreas ocidentais da península, onde se falava língua diversa. Entre portugueses também, segundo as maiores probabilidades, nasce a variedade ibérica da novelística de cavalaria já pronunciada nas versões das lendas bretãs e nas alusões à matéria cavaleiresca dos cancioneiros e dos nobiliários. A novela de fundo sentimental e nostálgico surge, por sua vez, com a *Menina e Moça*, do português Bernardino Ribeiro. Outro português, Jorge de Montemor, escrevendo, embora, em castelhano e desenvolvendo com bastante independência uma corrente literária oriunda da Itália de Sannazaro, cria com os sete livros da Diana um tipo de novela pastoril que encontraria ressonâncias em toda a Europa. A própria historiografia europeia os portugueses do Quinhentos dão uma extraordinária contribuição de conteúdo e matéria, embora se abstenham eles mesmos de "filosofar" absorvidos que se acham pela ânsia de viajar e viver. "A curiosidade europeia", escreve o professor Rossi, "é estimulada pelos escritos múltiplos e variados desses portugueses: vai, assim, ganhando cidadania, no saber europeu, um mundo sempre mais amplo, vário e atraente". Outra manifestação original dos portugueses são as narrativas dos sobreviventes de naufrágios dos séculos XVI e XVII, compendiados principalmente na História Trágico-Marítima, e que "não temes confronto com a análoga literatura marítima espanhola (cujas obras são manifestamente menos pessoais, constituindo-se antes de relatos oficiais do que de recordações sugestivas) nem com a inglesa do *calling of the sea*. É ainda em Portugal que a égloga pastoril, inspirada nas festas cristãs se converte por obra de Gil Vicente e seus seguidores em forma dramática, antecipando, à distância, embora, o grande teatro espanhol do "século de ouro".

Dos mundos novos que descobriram eles próprios ou que ajudaram a descobrir e revelar, não seriam sempre portugueses os maiores exploradores ou beneficiários. Historicamente verdadeiro no domínio político, esse fato não o é menos na ordem espiritual. Mas o espírito que animou de início essa atividade generosamente criadora não se exauriu nela: mesmo onde se limitou a absorver ou assimilar formas peregrinas jamais deixou de imprimí-lhes o selo de sua personalidade nacional. E essa personalidade, tal como se pôde manifestar na literatura, constitui, no fundo, o objeto deste livro, tão rico em ensinamentos e sugestões.

PARA REMESSA DE LIVROS:
Via San Marino, 12, Int. 2
(Roma)